

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

JOSÉ LÁZARO DA SILVA

**ESTUDO SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM SALA DE AULA E A
IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR**

ELESBÃO VELOSO-PI

2024

JOSÉ LÁZARO DA SILVA

**ESTUDO SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM SALA DE AULA E A
IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, modalidade EaD, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

Orientador: Prof. Esp. Djalma Carvalho da Silva.

ELESBÃO VELOSO-PI

2024

JOSÉ LÁZARO DA SILVA

**ESTUDO SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM SALA DE AULA E A
IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, modalidade EaD, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Djalma Carvalho da Silva.

Eliane Oliveira Mesquita

Ana Lúcia Osternes de Araújo

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Antonio Campos da Silva e Maria Angelina da Silva pelo exemplo, estímulo e força que me passaram ao longo da vida o que, certamente, ajudou nesta jornada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e por todas as bênçãos.

A minha família pelo apoio durante todo esse tempo. Em especial, à minha esposa Cleane pelo apoio e incentivo e aos meus filhos, Maria Eduarda e Natã Lucas.

Ao meu orientador, Prof. Esp. Djalma Carvalho pelo encorajamento nesses últimos momentos. A todos os professores, tutores, pelos ensinamentos.

Aos amigos de turma pela companhia e companheirismo.

Agradeço a todos que contribuíram para que minha jornada chegasse até aqui.

A todos o meu carinho e gratidão!

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. ” (Paulo Freire)

RESUMO

O presente estudo tem como tema “o preconceito linguístico em sala de aula e a importância do professor”, com o objetivo geral de reconhecer a importância do professor em sala de aula no ensino da Língua Portuguesa como meio de combate ao preconceito linguístico e como objetivos específicos: mencionar a importância de reconhecer a variedade linguística no Brasil; exemplificar a variação linguística no Brasil e analisar o preconceito linguístico na fala nordestina. O estudo justifica-se pela importância de que o ensino não se atenha apenas a norma culta da língua portuguesa, que o ensino tradicionalista onde existe o “certo” e o “errado” e sendo repassada de forma mecânica, não contribuía para haja preconceito linguístico em sala de aula. E foi elaborado mediante o seguinte questionamento: Qual a importância do professor de Língua Portuguesa em ensinar corretamente sobre a diversa variedade linguística que existe no Brasil e como o seu ensinamento pode colaborar para que não haja preconceito linguístico em sala de aula a partir de informações bem repassadas? O percurso metodológico foi caracterizado como revisão de literatura, de caráter bibliográfico e exploratório documental, levantando dados e analisando a literatura selecionada sobre o tema. A pesquisa se deu a partir do estudo de livros, artigos, sites, documentos monográficos e periódicos on-line relacionados ao preconceito linguístico para o embasamento teórico e enriquecimento do contexto. Desta forma, além de traçar um histórico sobre o objeto de estudo, os dados da pesquisa também servirão de base para a construção da investigação sobre o tema.

Palavras-Chave: Preconceito Linguístico. Linguagem. Educação. Professor.

ABSTRACT

The theme of this study is “linguistic prejudice in the classroom and the importance of the teacher”, with the general objective of recognizing the importance of the teacher in the classroom in teaching Portuguese as a means of combating linguistic prejudice and the specific objectives: to mention the importance of recognizing linguistic variety in Brazil; to exemplify linguistic variation in Brazil and to analyze linguistic prejudice in the Northeastern speech. The study is justified by the importance of teaching not only the standard norm of the Portuguese language, and that traditionalist teaching, where there is “right” and “wrong” and being passed on mechanically, does not contribute to linguistic prejudice in the classroom. And it was prepared based on the following question: How important is it for the Portuguese language teacher to teach correctly about the diverse linguistic variety that exists in Brazil and how can their teaching help to avoid linguistic prejudice in the classroom based on well-passed information? The methodological approach was characterized as a literature review, of a bibliographic and exploratory documentary nature, collecting data and analyzing the selected literature on the topic. The research was based on the study of books, articles, websites, monographic documents and online periodicals related to linguistic prejudice for the theoretical basis and enrichment of the context. Thus, in addition to outlining a history of the object of study, the research data will also serve as a basis for the construction of the investigation on the topic.

Keywords: Linguistic Prejudice. Language. Education. Teacher.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO.....	11
2.1 Contexto histórico do preconceito linguístico.....	13
2.2 O preconceito linguístico na sala de sala de aula.....	14
2.3 Variação linguística e norma padrão.....	16
3 METODOLOGIA.....	18
3.1 Procedimentos Éticos.....	18
3.2 Método de Pesquisa.....	18
3.3 Dados Coletados.....	19
3.4 Organização e Análise dos Dados.....	19
3.5 Discussão dos Resultados.....	19
3.5.1 Preconceito linguístico e variações linguísticas.....	20
3.5.2 Preconceito linguístico com a fala nordestina.....	26
3.5.3 Preconceito linguístico e a Literatura de Cordel.....	28
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa abordou o tema sobre o preconceito linguístico e a importância do professor em sala de aula para combater esse ato. O preconceito linguístico surge de várias maneiras dentre elas quando existe a comparação entre a norma padrão da Língua Portuguesa e a forma real de falar de algumas pessoas, onde pode variar de acordo com a região em que vive, com a cultura e com a condição socioeconômica, onde é considerada a forma de falar errada ou inferior em relação ao outro falante.

O estudo justifica-se pela importância de que o ensino não se atenha apenas a norma culta da língua portuguesa, que o ensino tradicionalista onde existe o “certo” e o “errado” e sendo repassada de forma mecânica, não contribua para haja preconceito linguístico em sala de aula. A relevância dessa pesquisa estar em mostrar que o Brasil é um país que possui diversas “línguas” em um único sistema linguístico, como por exemplo o sotaque dos Nordestinos que é bem característico, o baiano, mineiro, carioca, dentre outros.

Com isso, esse trabalho se faz importante por ser um instrumento contra o preconceito linguístico. E foi elaborado mediante o seguinte questionamento: Qual a importância do professor de Língua Portuguesa em ensinar corretamente sobre a diversa variedade linguística que existe no Brasil e como o seu ensinamento pode colaborar para que não haja preconceito linguístico em sala de aula a partir de informações bem repassadas?

Para atender a problemática desse estudo, teve como objetivo geral reconhecer a importância do professor em sala de aula no ensino da Língua Portuguesa como meio de combate ao preconceito linguístico. Possui como objetivos específicos: mencionar a importância de reconhecer a variedade linguística no Brasil; exemplificar a variação linguística no Brasil e analisar o preconceito linguístico na fala nordestina.

O percurso metodológico foi caracterizado como revisão de literatura, de caráter bibliográfico e exploratório documental, levantando dados e analisando a literatura selecionada sobre o tema. A pesquisa se deu a partir do estudo de livros, artigos, sites, documentos monográficos e periódicos on-line relacionados ao preconceito linguístico para o embasamento teórico e enriquecimento do contexto.

Desta forma, além de traçar um histórico sobre o objeto de estudo, os dados da pesquisa também servirão de base para a construção da investigação sobre o tema.

Os critérios de inclusão dos arquivos encontrados foram obras em língua portuguesa que abordassem sobre o tema de preconceito linguístico e alguns dos objetivos específicos da pesquisa, além de data de publicação estar entre dez anos até o ano atual.

Foram excluídos os arquivos que não contemplaram o tema, que estavam em língua estrangeira e que não estavam dentro do período de tempo mencionados na pesquisa. Para a base de dados para construção do referencial teórico, foram encontrados arquivos nas bibliotecas virtuais de instituições públicas de ensino, no *Google Acadêmico* e revistas eletrônicas na área da educação, mediante utilização dos descritores: “Preconceito Linguístico”, “Professor” e “Variedade Linguística”.

A pesquisa está organizada em capítulos, onde o primeiro é a introdução que menciona a relevância do tema e como a pesquisa foi desenvolvida mediante os objetivos, o segundo capítulo aborda o preconceito linguístico em sala de aula, a variedades linguísticas e a norma padrão. No terceiro capítulo falou-se da importância do professor em sala de aula na conscientização e na informação para evitar e combater o preconceito linguístico em sala de aula, principalmente com a fala nordestina, em seguida foram mencionadas as considerações finais mediante toda a pesquisa em estudo.

2 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Diante dessa vasta pluralidade linguística e tantos modos de falar, pode acontecer o preconceito linguístico, que se manifesta pela discriminação da fala, ou seja, quando alguém critica o modo de falar pela sua expressão verbal, causando assim um desprezo e desigualdade linguística. Isso parte do entendimento errado sobre a comunicação, onde o indivíduo precisa falar corretamente de acordo com a gramática normativa da Língua Portuguesa para que haja comunicação, logo, esse entendimento é errôneo. Todos se comunicam, independentemente do critério. Conforme explica Bagno (2005), os preconceitos sociais surgidos da gramática tradicional na Antiguidade clássica, sempre utilizou como critério do erro, que aplicava em qualquer expressão linguística tanto na falada como na escrita.

O preconceito é considerado toda manifestação discriminatória a pessoas ou tradições diferentes ou estranhas, ou seja, é uma opinião que vem bem antes, sem possuir as informações necessárias. Conforme a definição de preconceito no dicionário on-line de português:

Opinião ou pensamento acerca de algo ou de alguém cujo teor é construído a partir de análises sem fundamentos, sendo preconcebidas sem conhecimento e/ou reflexão; prejulgamento. Forma de pensamento na qual a pessoa chega a conclusões que entram em conflito com os fatos por tê-los prejulgado. Repúdio demonstrado ou efetivado através de discriminação por grupos religiosos, pessoas, ideias; pode-se referir também à sexualidade, à raça, à nacionalidade etc.; intolerância. Comportamento que demonstra esse repúdio. Convicção fundamentada em crenças ou superstições; cisma. (Bagno, 2005, p. 56).

Diante do conceito acima, conclui-se que o preconceito linguístico é considerado um preconceito social, pois é originado pelas diferenças linguísticas existentes em um mesmo idioma. Com isso, o preconceito linguístico vem associado outros fatores, como a música, a dança e os valores que formam o valor cultural de cada região. Diante disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1997, p.79) afirmam que:

A coexistência da ampla diversidade étnica, linguística e religiosa em solo brasileiro coloca a possibilidade da pluralidade de alternativas. De certa forma, é como se o plural que se constata, seja no convívio direto, seja por outras mediações, evidenciasse e ampliasse o plural que potencialmente está em cada um. Assim, o princípio de liberdade se afirmar nas possibilidades múltiplas de cada um, na polissemia subjetiva que permite escolhas e novos encontros.

O preconceito linguístico se manifesta na sociedade e no cotidiano do brasileiro, questionando o sentido de “falar bem”, e se não estiver de acordo com a gramática normativa da língua portuguesa, é considerado errado, mesmo isso sendo um conceito errado. Os PCNs afirmam que a língua portuguesa é composta por diversas variedades linguísticas que são conceituadas por levar em consideração o valor social que se atribui nos diversos modo de falar de nossa língua e as variantes linguísticas.

Segundo Bagno (2013), variações linguísticas são diferentes formas de falar e escrever, que não seguem as normas padrão da língua portuguesa, presentes no país (Brasil). Com isso o autor deixa claro a riqueza de variações existentes no Brasil e que atualmente ainda existe esse tipo de preconceito, havendo o constrangimento com os falantes.

É necessário também. Conscientizar-se de que todo falante nativo de uma língua é um usuário competente dessa língua. Aceitar a ideia de que não existe erro de português. Existem diferenças de uso ou alternativas de uso em relação à regra única proposta pela gramática normativa. Respeitar a variedade linguística de toda e qualquer pessoa, pois isso equivale a respeitar a integridade física e espiritual dessa pessoa como ser humano. Ensinar bem é ensinar para o bem. Ensinar para o bem significa respeitar o conhecimento intuitivo do aluno, valorizar o que ele já sabe do mundo, da vida, reconhecer na língua que ele fala a sua própria identidade como ser humano. Ensinar para o bem é acrescentar e não suprimir, é elevar e não rebaixar a autoestima do indivíduo (Bagno, 2013, p.121).

Ainda parafraseando o autor acima, ele menciona a importância da conscientização dos usuários da língua em aceitar as variantes linguísticas e o modo de falar de cada região, mencionando que o respeito deve existir e que a comunicação se a mensagem for entendida, ela acontece, sem necessidade que esteja de acordo com a gramática normativa. O autor também menciona que essa conscientização deveria ser ensinada bem cedo nas escolas, assim as crianças cresceriam

conhecedoras das diversas formas que sua língua tem, mas que ele precisa priorizar a forma padrão da gramática normativa.

2.1 Contexto histórico do preconceito linguístico no Brasil

O Brasil é rico geograficamente em extensão territorial e isso contribui para uma grande pluralidade linguística existente. O mesmo sistema possui as mais diversificadas línguas, havendo sotaques diferentes, modos exclusivos de falar em determinada região, como por exemplo, uma fruta ou animal muda de nome e pronúncia de acordo com a região do falante. Logo, o Brasil possui uma vasta mistura intercultural, possuindo uma linguagem heterogênea que pode partir de uma variação geográfica, sociocultural, individual e temática (Castilho e Elias, 2011).

Nessa circunstância, faz-se necessário analisar o contexto histórico do preconceito linguístico no Brasil, que se manifesta em vários contextos. Iniciou-se na Antiguidade, na crença na superioridade de determinados comportamentos linguísticos face aos demais, sua formação étnico-cultural, nas distinções socioeconômicas, na diversidade regional e no estrangeirismo.

Todo e qualquer indivíduo varia sua maneira de falar, monitora mais ou menos o seu comportamento verbal, independentemente de seu grau de instrução, classe social, faixa etária, etc. Trata-se de um comportamento que é adquirido muito rapidamente no convívio social, como é fácil verificar observando os modos de falar das crianças quando se dirigem a outras crianças da mesma idade, a crianças maiores, a adultos familiares, a adultos desconhecidos (Bagno, 2007, p.45).

Em 1758, com a Lei do Diretório dos Índios, o preconceito linguístico começou a aparecer no Brasil, quando foi implantado a língua portuguesa em solo nacional, a partir daí Portugal expulsou os jesuítas silenciando a língua geral, ou a chamada de tupi da Costa, que era a língua falada pelos índios, negros e brancos e impôs novamente o português. Conforme Oliveira (2000), nesse período tiveram muitas lutas e chacinas, durante essa trajetória de imposição linguística. Também entre os anos de 1941 e 1945 mostram que houve a ocupação de escolas comunitárias, perseguições e fechamentos de gráficas e torturas, durante o Governo Vargas, com a

finalidade da homogeneização linguística.

O projeto de lei 1676/1999 do deputado Aldo Rebelo, que tinha como objetivo acabar com o estrangeirismo, tinha como lema a proteção, promoção, defesa e uso da língua portuguesa. Nessa proposta do deputado ele considerava “as palavras provenientes do inglês como seres alienígenas, invasores do território nacional, capazes de pôr em perigo nossa segurança e soberania”.

A diversidade linguística só passou a ser relevante como objeto de pesquisa, nos anos 60 do século XX, com a advento da Sociolinguística Variacionista, ou seja, relacionada à identidade social do emissor, do receptor, às marcas do contexto social e ao julgamento do próprio uso e do uso dos interlocutores. Como mencionada por Possenti (1996), uma das razões que desencadeiam o preconceito linguístico é a falta de aceitação que a nossa língua pode ser falada de diferentes formas, e que essas diversas maneiras que os falantes encontram para se comunicar e interagir socialmente dependem também do contexto, ou melhor, da situação comunicativa.

2.2 O preconceito linguístico na sala de sala de aula

No contexto escolar, o ensino é conforme a norma padrão da gramática normativa de língua portuguesa, mantendo o foco do “correto” e o “errado”. Essa norma da linguística é a única que carrega em si uma forma de preconceito, já que existe uma variedade correta a ser seguida, desprezando assim as outras formas diferentes, o que acaba gerando o preconceito linguístico. É no ambiente da sala de aula que o aluno falante de uma variedade linguística pode ser diferente da maioria da turma ou até mesmo do seu professor, que pode corrigi-lo para que siga as regras da norma padrão da língua, informando-o que está errada a sua forma de falar e que possivelmente pode interferir em seu desenvolvimento cognitivo e desempenho ou não nas aulas de língua portuguesa.

Conforme Bagno (2007, p. 33):

O preconceito linguístico se baseia na crença de que existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do

preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”.

Conforme o autor acima menciona, o preconceito linguístico acontece baseado na crença existente em que a língua portuguesa deve ser ensinada somente o que existe nas gramáticas e que estão veiculadas aos dicionários, ou seja, o que estiver fora do que é ensinado nas escolas, do que não estiver nas gramáticas e nem nos dicionários, é considerado errado, e com isso pode existir o preconceito. O preconceito linguístico ocorre em sala de aula quando o aluno falante de uma variedade linguística é diferente da maioria da turma ou até mesmo do professor, com isso o aluno pode até sofrer rígidas correções, às vezes feitas de maneira inadequada, onde isso pode afetar a sua forma de falar e seu desenvolvimento cognitivo, como também o desempenho nas aulas de língua portuguesa. Durante as aulas, o foco volta-se quanto à classificação do que é certo e errado, no qual os alunos são reflexos desse ensino tradicionalista, com essas marcas impregnadas, provenientes de regiões diferentes.

Conforme Lima et al. (2020) menciona que as variações da fala não são trabalhadas de forma efetiva em sala de aula, em decorrência da supervalorização da língua culta e a considerada gramaticalmente correta e também devido o ensino voltado para somente as regras gramaticais e códigos normativos. Isso tudo acaba refletindo em forma de um grande paradigma em relação ao preconceito linguístico na sociedade, onde o ambiente da sala de aula chega a contribuir para que esse ato preconceituoso ocorra, quando se trabalha apenas a norma culta, onde deve ser o contrário contribuindo para o entendimento amplo da linguagem.

“Quando se fala em linguagem, pode-se defini-la como uma série de códigos que podem ser transmitidos e compreendidos através da fala, da leitura, da arte e do corpo, estando presente em todo o universo cultural e social” (Lima et al. 2020, p. 107).

As proposições metodológicas do professor e da escola são preponderantes para que esse preconceito seja diminuído, pois através do entendimento das variedades linguísticas. O professor deve propiciar aos alunos uma formação pautada na “participação mais plena dos jovens nas diferentes práticas socioculturais que envolvem o uso da linguagem” (Brasil, 2017, p. 481).

2.3 Variação linguística e norma padrão

A norma padrão ou linguagem formal está associada à linguagem escrita e aos contextos educacionais, onde são seguidas as regras gramaticais que existe em relação à língua portuguesa. Por outra forma de entendimento, a norma padrão da instância escrita terminou sendo exigida também na fala. A variação linguística necessita da compreensão do que é linguagem, que pode ser definida segundo Vygotsky (2002) como “uma característica que nos diferencia dos demais seres e que nos habilita a revelar conhecimentos e expressar sentimentos e opiniões visando a promover nossa inserção no convívio social”.

Ainda segundo o autor supracitado, nesse contexto da linguagem existem dois tipos fundamentais de linguagem, que é a formalidade e informalidade. A linguagem formal está diretamente ligada ao que chamamos de linguagem escrita e a contextos educacionais ou solenes, em que as normas gramaticais estipulam regras em relação à língua portuguesa, o que culmina, na prática, com uma forte influência no tocante à oralidade. Já a informalidade, linguagem coloquial, informal ou popular é aquela do cotidiano, em que não se exige a atenção total da gramática. A intenção é somente que haja mais fluidez na comunicação oral. Aqui, utilizam-se muitas gírias e palavras nem sempre dicionarizadas. Na linguagem informal é onde acontece o preconceito linguístico com mais frequência.

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, ‘errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente’, e não é raro a gente ouvir que ‘isso não é português’. Um Exemplo. Na visão preconceituosa dos fenômenos da língua, a transformação de l em R nos encontros consonantais como em Craudia, chicrete, praca, broco, pranta é tremendamente estigmatizada e às vezes é considerada até como um sinal do ‘atraso mental’ das pessoas que falam assim. Ora, estudando cientificamente a questão, é fácil descobrir que não estamos diante de um traço de ‘atraso mental’ dos falantes ‘ignorantes’ do português, mas simplesmente de um fenômeno fonético que contribuiu para a formação da própria língua portuguesa padrão. (Bagno, 1997, p. 29)

Os idiomas em geral e, especificamente, a língua portuguesa brasileira, apresentam mudanças de acordo com a passagem do tempo, de acordo com a região, de acordo com a classe social. O português brasileiro não é uma língua uniforme, o referido autor tenta esclarecer que essas ideias além de ser falsa são pouco interessantes, pois nos torna incapazes de lidar com diferentes situações que diariamente utilizamos no uso da língua e seu ensino (Ilari, 2006).

Segundo Bagno (2004), só foi possível considerar, após pesquisas sociolinguísticas, o modo de falar como língua, dialeto ou variedade se estas forem reconhecidas de forma empírica em um grupo social que as falem. Nem mesmo nos livros didáticos afirmam que existe um falante efetivamente da norma-padrão, logo, segundo o autor acima “ quando falamos de padrão não estamos nos referindo à estratificação social da língua, mas a uma perspectiva diferente sobre a variação linguística, relativa à codificação e à prescrição”.

3 METODOLOGIA

O percurso metodológico foi caracterizado como revisão de literatura, de caráter bibliográfico e exploratório documental, levantando dados e analisando a literatura selecionada sobre o tema. A pesquisa se deu a partir do estudo de livros, artigos, sites, documentos monográficos e periódicos on-line relacionados ao preconceito linguístico para o embasamento teórico e enriquecimento do contexto. Desta forma, além de traçar um histórico sobre o objeto de estudo, os dados da pesquisa também servirão de base para a construção da investigação sobre o tema.

3.1 Procedimentos Éticos

Esta pesquisa está fundamentada nos princípios éticos de referenciar especificadamente as fontes de dados e autores, por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, apenas com análise documental usando o método conceitual-analítico, visto que serão utilizados conceitos e ideias de outros autores, semelhantes com os mesmos objetivos, para a construção de uma análise científica sobre o objeto de estudo da presente pesquisa.

3.2 Método de Pesquisa

A presente pesquisa é caracterizada como revisão integrativa de forma bibliográfica, levantando dados e analisando a literatura selecionada sobre o tema. Esse tipo de estudo baseia-se na compreensão de um fenômeno, observando aspectos descritivos, comparativos e interpretativos (Yin, 2005).

3.3 Dados Coletados

A pesquisa se deu a partir do estudo de livros, artigos, sites, documentos monográficos e periódicos on-lines relacionados ao preconceito linguístico e todos os fatores que contribuem para que ocorra, como também a importância do professor nesse processo, para o embasamento teórico e enriquecimento do contexto.

3.4 Organização e Análise dos Dados

Os critérios de inclusão foram obras em português, que apresentassem uma abordagem que tratasse do preconceito linguístico, tendo a escola como uma ferramenta de reflexão e inclusão social e a importância do professor, adequando-se aos objetivos deste trabalho.

Os critérios de exclusão foram obras que não estivessem na língua portuguesa, que não abordassem o tema em estudo, que tivessem com muitos anos que foram publicadas e também obras que não estivessem completas de forma on-line nas bibliotecas virtuais pesquisadas.

Foram realizadas leituras de diversos trabalhos que abordam a temática em questão, embasados nas seguintes bases: Google Acadêmico, Bibliotecas de Universidades Estaduais e Federais e revistas eletrônicas da área da educação. Utilizando os descritores: Preconceito Linguístico; Escola; Educação; Linguagem.

Os dados foram organizados de acordo com os anos em que foram publicados e em seguida foram utilizados de acordo com os tópicos de organização da presente pesquisa, fazendo a adequação e coerência dos estudos encontrados.

3.5 Discussão dos Resultados

O preconceito linguístico se origina de uma comparação de forma equivocada ao que se apresenta nas diretrizes da gramática normativa de língua portuguesa e também nos dicionários, contudo, essa maneira de falar depende de diversos fatores, mas no Brasil, essa forma de preconceito se dá mais em relação a pessoas das zonas rurais, a pessoas mais pobres e aos diferentes sotaques apresentados no país.

(Arruda e Siqueira, 2020).

Atualmente, acontece também esse tipo de preconceito de forma on-line, devido o avanço da tecnologia e o uso constante da internet e redes sociais. Nessas plataformas o preconceito ocorre com mais frequência entre usuários da região Sudeste contra o sotaque nordestino e contra pessoas do interior. Segundo o Conselho Nacional de Justiça (2016) as formas que esse preconceito se apresentam são:

- Verbal (insultar, ofender, falar mal, colocar apelidos pejorativos, “zoar”)
- Física e material (bater, empurrar, beliscar, roubar, furtar ou destruir pertences da vítima)
- Psicológica e moral (humilhar, excluir, discriminar, chantagear, intimidar, difamar)
- Sexual (abusar, violentar, assediar, insinuar)
- Virtual ou *Ciberbullying* (*bullying* realizado por meio de ferramentas tecnológicas: celulares, filmadoras, internet etc.)

Sabe-se que o Brasil possui uma diversidade linguística bem variada e para que o preconceito não aconteça se faz necessário respeitar à diversidade cultural, histórica e linguística de cada povo, sabendo que cada região possui seus hábitos e costumes e um modo de falar específico, com isso, o respeito pela diversidade da língua deve ser levado em consideração pela particularidade regional e discernindo que as línguas são heterogêneas.

3.5.1 Preconceito linguístico e variações linguísticas

Quando os falantes utilizam a língua ativamente ela possui variantes que dependem do condicionamento de aspectos sociais, geográficos, históricos e estilísticos do sujeito. As variações se dividem em quatro tipos e todas elas compõem as formas dos estudos variacionistas observarem e caracterizarem os grupos linguísticos como seus objetos de análise.

A variação diacrônica ou histórica é aquela que acontece com a passagem do tempo, ou seja, é percebida quando há comparação da mesma fala com o passar do tempo. Caracteriza-se como um processo variacionista devido ao seu dinamismo em reconhecer e assumir um perfil de constância. Ocorre juntamente com a mudança com o passar dos anos, sobretudo, com a evolução social das comunidades de fala.

Figura 1: Exemplo de variação diacrônica.

151 RUA DO OUVIDOR 151

EM FRENTE A NOTRE DAME DE PARIS

HOJE e todos os dias HOJE

GRANDE EXPOSIÇÃO

DA

MACHINA NORTE AMERICANA

O PHONOGRAPHO

Que falla! canta! ri! chora! ladra!
mia! e toca sólos á piston!...

Successo esplendido nas cidades de
New-York, Philadelphia, Boston, Paris,
Londres e agora n'esta côrte!

MARAVILHA DO SEculo XIX!!!

Enthusiasmo inexcédível!... admira-
ção geral!...

Grande iluminação!

Exposição todos os dias das 10 da
manhã ás 10 da noite.

ENTRADAS

Adultos	1\$000
Crianças	85 0

N. B. As crianças até 10 annos acom-
panhadas de familias têm entrada gratis!

151 RUA DO OUVIDOR 151

EM FRENTE A' NOTRE DAME DE PARIS.

Fonte: Gazeta de Notícias, ed. 302 de 3 de novembro de 1879.

Na figura 1 é mostrada um panfleto de divulgação e nele percebe-se que com o passar dos anos a escrita também foi mudada, se comparada aos dias atuais, onde

as letras “ph” eram usadas e atualmente usa-se a letra “f”. Outros exemplos são as palavras “pharmácia” e “therapeutico” que eram escritas da mesma maneira. Em outras palavras as letras iguais se repetiam como em “annos” e “alliar” que atualmente não se repetem.

Segundo Ilari e Basso (2009), a variação diacrônica é aquela que se dá através do tempo, os autores citam também sobre a formação do pronome você e as construções que remetem, anteriormente: Vossa mercê e Vosmecê. E continuam, “Não só a língua que falamos hoje é o resultado de muitas inovações ocorridas em épocas diferentes; na língua que falamos hoje convivem palavras e construções que remontam a épocas diferentes.”

Na variação diatópica ou geográfica são aquelas relacionadas às diferentes regiões no que tange ao modo de falar, logo, tais diferenças podem se dar tanto em relação à semântica, quanto à sintaxe. Essas distinções apresentadas através de vários dialetos encontrados dentro de um mesmo país ou, no caso do português, em vários países.

Figura 2: Exemplo de variação diatópica



Fonte: <https://ocp.news/colunistas/variacao-linguistica-o-que-e>

Na figura 2, mostra um exemplo bem típico da variação geográfica no Brasil, uma mesma fruta pode ser chamada por nomes diferentes de acordo com a região em que o falante está, ou seja, essas diferenças podem ser notadas na maneira de articular e emitir os sons, na ordem sintática e na utilização do vocabulário e essa variação está relacionada com a distância geográfica dos falantes, quanto mais longe estiver maior será a diferença na fala.

Nas regiões Nordeste e Sul do Brasil apresentam essa diferença em várias palavras da língua portuguesa, como a mandioca que pode ser chamada de macaxeira ou aipim. A linguística moderna reconhece que o status de língua e dialeto não é somente determinado por critérios linguísticos, mas é também o resultado de um desenvolvimento histórico, geográfico e sócio-político, fatores levados em consideração para distinguirmos língua e dialeto (Mané, 2008 p. 02).

A variação diatópica no contexto brasileiro é facilmente identificada já que entre as regiões, e até mesmo entre os estados, a marcação característica de cada grupo de fala é bem definida. A construção do atlas linguístico, responsável por demarcar a área em que acontece um fenômeno linguístico característico, por traçar as isoglossas, que são divisas das áreas em que a língua é uniforme a respeito de um fenômeno, e por comparar suas extensões geográficas (Camacho, 1988).

Segundo Camacho (2004) a variação diastrática ou sociocultural provém “da tendência para a maior semelhança entre os atos verbais dos indivíduos participantes de um mesmo setor socioeconômico, cultural, renda familiar, pelas diferenças de idade e gênero, profissão, dentre outros”.

No exemplo da figura 3 que está logo abaixo, mostra um diálogo entre um médico e seu paciente, que possuem diferenças entre profissões e idade, apenas observando a tirinha. Partindo para a linguagem percebe-se que o médico utilizou termos técnicos de sua profissão que acabou assuntando o paciente, logo, o paciente se assustou pensando que estava com algo bem mais sério, mas se tratava apenas de um furúnculo, algo simples de resolver. O humor da tirinha consiste nessa variação diastrática.

Figura 3: Exemplo de variação diastrática



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/variacoes-linguisticas/>

Segundo Ilari e Basso (2009, p. 175), a variação diastrática ou sociocultural pode ser entendida através de três fenômenos:

Fonética:

- queda ou nasalização da vogal átona inicial: incelença por excelência;
- queda de material fonético posterior à vogal tônica: figo por fígado, Ciço por Cícero, centimo por centímetro;
- perda da distinção entre vogal e ditongo antes de palatal: pexe por peixe;
- monotongação de ditongos crescentes em posição final: sustança por substância; [...]

Morfologia:

- perda do -s da desinência da primeira pessoa plural: nós cantamo, nós cantemo por nós cantamos;
- anteposição do advérbio de comparação a adjetivos que já são comparativos: mais mió em vez de melhor;

Sintaxe:

- uso de uma marca de plural nos sintagmas nominais complexos e ausência de marca de concordância na 3a. pessoa do plural do verbo, particularmente com sujeito posposto (os doce mais bonito são/ é para as vista. Quando chegou os bombeiro já não tinha mais nada pra fazer);
- negação redundante com indefinidos negativos (ninguém não sabia);
- aparecimento de um segundo advérbio de negação anteposto: não

vem não ou vem não;

- a oração relativa adota as construções conhecidas como cortadora ou copiadora: a casa que eu morei ou a casa que eu morei nela (em vez da construção padrão a casa em que morei);
- uso dos pronomes do caso reto na posição de objeto: eu o vi, a mulher xingou eu.

A última variação é chamada de diafásica ou estilística, pois deixa claro os processos de escolha lexical no ato de comunicação, sobretudo através de inserções em diferentes ambientes nos quais os indivíduos estão inseridos. Esse tipo de variação se distingue das demais em aspectos sociais e culturais, mas possui o mesmo objetivo que é a troca de informações.

Figura 4: Exemplo de variação diafásica ou estilística.



Fonte: <https://realizeeducacao.com.br/blog/variacoes-linguisticas/>

No exemplo da figura 4, há um diálogo entre pais e um filho adolescente que provavelmente passa a maior parte do seu tempo trancado no quarto utilizando um computador com internet. Na imagem é fácil analisar a expressão facial dos pais de preocupados com o filho e já a expressão do filho é de que não ficou satisfeito com a observação dos pais de que ele passa muito tempo batendo papo na internet.

Pela forma que está escrita a resposta do filho percebe-se que realmente ele passa muito tempo batendo papo com pessoas na internet provavelmente de sua idade, que utilizam a escrita dessa forma contendo “erros” segundo a gramática normativa da língua portuguesa, porém essa é a escrita que muitos jovens utilizam nas redes sociais juntamente com esses desenhos que são chamados de *emojis*, para demonstrar seus sentimentos. A variação ocorre nesse contexto e analisando a situação em que o filho se encontra, mas o objetivo final foi alcançado, logo, houve comunicação.

3.5.2 Preconceito linguístico com a fala nordestina

Esse tipo de preconceito com a região Nordeste e principalmente com o sotaque fortemente marcado é chamado de xenofobia, conforme Júnior (2016, p. 9), “vem do grego, da articulação das palavras xénos [ξένος] (estranho, estrangeiro) e phóbos [φόβος] (medo), significando, portanto, o medo, a rejeição, a recusa, a antipatia e a profunda aversão ao estrangeiro”. Ainda citando o mesmo autor, “a xenofobia pode se manifestar de diferentes maneiras, desde como uma simples recusa de aproximação, convivência ou contato com o estrangeiro até através de atitudes extremadas de agressão”.

O preconceito linguístico é caracterizado como a exclusão e discriminação de pessoas só pelo fato de sua língua materna ser diferente de outra região. Embora essa conduta criminosa seja severamente reprovada e considerada inaceitável, percebe-se um aumento considerável no número de vítimas envolvidas em casos de discriminação e intolerância, principalmente no Brasil (Júnior, 2016).

Pode-se dizer que esse tipo de discriminação se baseia em preconceitos históricos, religiosos, culturais e nacionais, que levam o xenófobo a justificar a segregação entre diferentes grupos étnicos com o fim de não perder a própria identidade. Por outro lado, muitas vezes

acrescenta-se um preconceito econômico que vê nos imigrantes competidores pelos recursos disponíveis no seio de uma nação (Garza, 2011, p. 02).

A forma como a região Nordeste é apresentada na internet, muitas vezes mostrando apenas as regiões de seca e caatinga, o povo pobre sem muitas oportunidades acaba gerando um entendimento errado sobre a cultura e a riqueza desse povo, incluindo a riqueza na fala, exercendo grande influência na opinião de quem está vendo a informação recortada dessa forma.

Trazendo forte manipulação nessa imagem errônea que é passada sobre o Nordeste. Contudo, podemos ver todo tipo de preconceito sendo disseminado na sociedade, com atitudes de intolerância, discriminação e ódio. Conforme Sousa et. al. (2019), o Nordeste é difundido em filmes, novelas e jornais, como um lugar seco e da pobreza, assim como também já foi apresentado em músicas e na literatura.

O Nordeste vai muito além da imagem da seca, frequentemente, retratada pela mídia. Sua cultura, história, beleza natural e influência cultural contribuem para sua complexa identidade. A história dessa região é uma mistura complexa de influências culturais, eventos históricos e desafios enfrentados ao longo dos séculos, por isso, desempenhou um papel fundamental na formação do Brasil e continua a ser uma parte essencial da identidade do país (Sousa, et al., 2019).

O papel do professor e as ações que o ambiente escolar deve fazer para o combate à xenofobia inicia-se na informação bem repassada para ajudar a desconstruir o preconceito e a formar o entendimento da diversidade, além de debater a importância dessa diversidade bem como a relevância da igualdade, com a finalidade de que não ocorra o preconceito que acaba evoluindo para a forma mais grave chegando à xenofobia.

O professor também deve promover o pensamento crítico dos alunos e ter empatia, intervindo prontamente quando perceber alguma forma de discriminação e preconceito em sala de aula, expondo as diferentes formas de cultura do nosso país e explicando a importância da fala de cada região, para que eles conheçam as riquezas linguísticas que existem, aprendendo a respeitá-las se forem um pouco diferentes das que eles estão acostumados.

Nesse contexto complementa Moura e Alves (2002) que a escola é uma

Faz-se necessário mencionar a importância do Cordel para a Língua Portuguesa e para o enriquecimento da cultura do Brasil, já que a contramão do preconceito linguístico é a informação e o entendimento de culturas existente nesse país tão rico linguisticamente. A marca forte do cordel é a linguagem característica que é feita em versos e rimas, sempre com narrativas de fatos do cotidiano e com desenhos bem criativos.

Conforme Santos (2005), os Cordéis eram baseados em narrativas europeias medievais que eram contadas em voz alta. Seus assuntos eram os mais variados possíveis relatando fatos políticos e sociais, eram lendas, histórias, guerra, dentre outros.

Conforme Santos (2005 p. 86):

A literatura popular (folhetos de feira ou ainda folhetos de cordel), no Brasil, surgiu aproximadamente em 1890, nas feiras nordestinas. De modo geral os folhetos de cordel são textos em versos com impressão em folhas de papel de baixa qualidade dobradas e encadernadas, com capas ilustradas em xilogravuras, desenhos ou ainda imagens de jornais cujo formato é quase sempre 11x16 cm, com 8, 16, 32 e 64 páginas (é considerado folheto de 8 e 16 páginas, e partir de 24 páginas é chamado de romance). Os folhetos de cordel são impressos, tradicionalmente, em oficinas de tipografia.

A Literatura de Cordel no ensino de Língua Portuguesa abre um leque de opções a serem trabalhadas em sala de aula, onde o professor pode utilizar de várias metodologias e estratégias de utilizar esse tema e deixar a aula ainda mais atrativa, despertando o interesse dos alunos até mesmo para a compreensão da arte regional brasileira já que a Arte nordestina muitas vezes é discriminada nas demais regiões do Brasil. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) afirmam que o professor deve usar a criatividade e imaginação para trabalhar o texto literário oral ou escrito.

A escola, ao tomar para si o objetivo de formar cidadãos capazes de atuar com competência e dignidade na sociedade, buscará eleger, como objeto de ensino conteúdos que estejam em consonância com as questões sociais que marcam cada momento histórico, cuja aprendizagem e assimilação são as consideradas essências para que os alunos possam exercer seus direitos e deveres. É fundamental que a escola assuma a valorização da cultura de seu próprio grupo e, ao

mesmo tempo, busque ultrapassar seus limites, propiciando às crianças e aos jovens pertencentes aos diferentes grupos sociais o acesso ao saber, tanto no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional e regional como no que faz parte do patrimônio universal da humanidade (Brasil, 2001, *apud* Sousa, 2014, p. 88).

O cordel no Brasil, principalmente no Nordeste, é apresentado como uma literatura popular originária da oralidade, pois, foi através das narrativas orais, contos e cantorias que surgiram os folhetos. Apesar de toda essa riqueza literária, além de também se trabalhar a escrita, o cordel é pouco conhecido nas escolas do nosso país. É no ambiente da sala de aula que o professor juntamente com a escola deve explorar esse gênero literário para que os alunos tenham conhecimento e saibam que se trata de riqueza regional tanto de cultura quanto de linguagem.

Figura 6: página de um cordel do autor Bráulio Bessa.



Fonte: <https://juaresdocordel.blogspot.com/2023/04/braulio-bessa-grande-poeta-cearense.html>

Na figura 6 acima, é possível observar as características da escrita do cordel, onde essa poesia é feita em versos recitados em rimas, que embora de linguagem informal possa ser inserido no planejamento didático das aulas, estabelecendo assim uma relação entre o educador, o educando e a realidade do lugar.

Conforme Abreu (1994) afirma que é possível utilizar a poesia como forma de letramento, tendo em vista, que é possível encontrar diversas formas lúdicas para colaborar com o ensino. Como por exemplo os jogos pedagógicos que possuem grande variedade de escolha, contudo, não podemos deixar que a literatura de cordel

estivesse distante das metodologias pedagógicas, principalmente nas aulas de língua portuguesa.

Em se tratando de imagem, os desenhos marcantes presentes nos folhetos dos cordéis, são chamados de xilogravura. Segundo Araújo (2012), xilogravura é a gravura obtida pelo processo de xilografia, que significa arte de gravar em madeira. Técnica de impressão em que o desenho é feito utilizando materiais específicos (buril ou faca, goiva e o formão), através desta são feitos desenhos em uma chapa de madeira.

Ainda pela ótica de Abreu (1994):

Os escritos em versos e rimas nos apresentam uma escrita, que embora informal, possa ser relevante ao processo de letramento do aluno, o que antes chamávamos de leitura de mundo, pela acessibilidade da criança com os fatos sociais, passamos a titular de leitura popular, que diretamente trança os fatos locais que podem ser de grande valia, uma vez escritos e lidos pelos alunos e professores no cotidiano escolar. Sabemos das dificuldades que os professores têm para incentivar o aluno a ler, possa ser que por conta do comodismo e/ou dificuldades enfrentadas, os professores não estejam procurando outros meios que possam despertar esse interesse pela leitura (Abreu, 1994, p. 104).

A autora menciona uma ótima estratégia para o professor trabalhar em sala de aula com a Literatura de Cordel como metodologia para letramento, como forma de trabalhar atividades lúdicas entre outras. Nesse contexto, o papel do professor é muito importante para tornar a aula mais atrativa e dinâmica usando a poesia como ferramenta, desse modo, o aluno terá uma maior motivação, porque perceberá diversos temas de seu interesse, de sua realidade sendo abordados nos recursos didáticos.

Ou seja, escola é uma ferramenta que deve ser usada para a diminuição do preconceito linguístico, e o professor deve fazer a mediação entre o aluno e o a compreensão do processo de comunicação. E como afirma Carvalho (2011), para que essa função seja cumprida de forma eficaz é preciso que o educador tenha um amplo conhecimento teórico no que o funcionamento social da linguagem para que ser um mediador entre o conhecimento e o aluno, na orientação da aprendizagem e formação crítico, social e profissional dos alunos.

Ainda no cenário nordestino, há um personagem chamado Chico Bento da Turma da Mônica, criado por Maurício de Sousa, que retrata bem o preconceito

linguístico devido sua fala. Esse personagem é uma criança que mora no interior e devido seu pouco estudo não fala corretamente de acordo com a gramática da língua portuguesa, ou seja, ele tem como principal característica ser um falante do dialeto caipira.

Figura 7: Tirinha Turma da Mônica



Fonte: Chico Bento- Turma da Mônica ,1998.

Na Figura 7 observa-se uma tirinha do personagem Chico Bento, pelas características físicas e das vestimentas pode-se constatar que é um personagem caipira que vive na roça. A tirinha acontece na sala de aula em que ele frequenta, no primeiro balão na fala do personagem pois erros na fala e consequentemente na escrita pois está justamente como ele fala. A palavra “quar” no lugar da palavra “quais”, erro de concordância de número em “minhas nota”, com isso, a professora repetiu a mesma fala, só que com as devidas correções, mas o Chico Bento não percebeu que a professora repetiu com a intenção de corrigi-lo. Ele entendeu que ela tinha feito uma pergunta direcionada a ele. No terceiro quadrinho já mostra um comportamento de professor totalmente inadequado e preconceituoso com o aluno,

já que sua função seria de acolhê-lo e ensiná-lo da melhor forma e não o colocar de castigo por não saber falar corretamente, acontecendo assim, o preconceito linguístico.

Além dessas palavras em outras tirinhas desse personagem são mostrados “erros” frequentes de dialetos caipiras, como trocar o “r” por “l”. De acordo com Bagno (2004: 92), as consoantes /r/ e /l/ são, do ponto de vista articulatório, parente muito próximo, o que faz com que, na história de muitas línguas elas se substituam uma à outra indiferentemente, são chamadas as consoantes líquidas.

O personagem também troca a palavra você pela palavra “ocê”, também a variante “qui” ocorre a metáfora, ou seja, a tendência da troca do som vocálico de /e/ > /i/, ela está presente em muitos falares regionais. Para Ilari (2006), a gramaticalização é o processo que assume funções gramaticais: um exemplo de gramaticalização em português é a formação do pronome você: essa palavra remonta a Vossa Mercê, era uma expressão de tratamento, hoje é um pronome pessoal.

O professor em sala de aula exerce um papel fundamental diante de preconceito linguístico, tem o papel de orientar, ensinar e aconselhar os alunos a terem empatia com algum colega de classe que possa vir falar diferente do seu modo de falar, como também a nunca praticar o preconceito como foi mostrado na figura 7. O contexto e ambiente que o personagem vive favorece, já que ele mora na roça e geralmente o dialeto caipira contém esses erros gramaticais que não afetam a comunicação, devendo ser levando em consideração todo esse contexto antes de punir o aluno.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou reconhecer a importância do professor em sala de aula no ensino da Língua Portuguesa como meio de combate ao preconceito linguístico. De início foi necessário traçar o contexto histórico do preconceito linguístico e demonstrar que ele ocorre principalmente no ambiente escolar.

Os idiomas em geral e, especificamente, a língua portuguesa brasileira, apresentam mudanças de acordo com a passagem do tempo, de acordo com a região, de acordo com a classe social. O português brasileiro não é uma língua uniforme e com isso foi mostrada os tipos de variações linguísticas e seus exemplos de como acontecem no dia a dia. Diante de cada variação foi mostrado a importância do professor no combate ao preconceito linguístico.

Ficou evidente Brasil possui uma diversidade linguística bem variada e para que o preconceito não aconteça se faz necessário respeitar à diversidade cultural, histórica e linguística de cada povo, principalmente com o dialeto nordestino, pois ficou mencionado que a maior parte do preconceito ocorre com pessoas dessa região, por ter o dialeto diferenciado e com marcas expressivas da voz e escritas bem marcantes.

Além disso, mostrou-se a importância do gênero textual Literatura de Cordel, mostrando sua riqueza na produção contendo as xilogravuras como também a linguagem, a forma como são escritos e que esse gênero pode ser usado como forma de letramento pelo professor de língua portuguesa. Apesar de toda essa riqueza literária, além de também se trabalhar a escrita, o cordel é pouco conhecido nas escolas do nosso país. É no ambiente da sala de aula que o professor juntamente com a escola deve explorar esse gênero literário para que os alunos tenham conhecimento e saibam que se trata de riqueza regional tanto de cultura quanto de linguagem.

No contexto escolar, o ensino é conforme a norma padrão da gramática normativa de língua portuguesa, mantendo o foco do “correto” e o “errado”. Essa norma da linguística é a única que carrega em si uma forma de preconceito, já que existe uma variedade correta a ser seguida, desprezando assim as outras formas diferentes, o que acaba gerando o preconceito linguístico.

Espera-se que esse trabalho tenha contribuído sobre a reflexão da importância

do professor em combater o preconceito linguístico, já que esse combate se inicia na escola, mostrando a importância de respeitar o modo de falar de cada um dependendo da região, do contexto histórico, da idade, da profissão, demonstrando que o importante é que haja a comunicação e não se o modo de falar estar certo ou errado.

REFERÊNCIAS

ABREU, M.; **Leitura e representação de leitura na literatura de cordel**. Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL. Letras. João Pessoa. v.1, p. 435-447, 1994.

ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. **O Olhar da Educação na Literatura de Cordel**. 2012.

ARRUDA, J. S. SIQUEIRA, L. M. R. de C. **Metodologias Ativas, Ensino Híbrido e os Artefatos Digitais: sala de aula em tempos de pandemia, Práticas Educativas, Memórias e Oralidades** - Rev. Pemo, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/4292>. Acesso em: 04 de dezembro de 2024.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**. 3ª ed. São Paulo, contexto, 2005.

BAGNO, Marcos. **Dramática da Língua Portuguesa**: tradição gramatical, Mídia e Exclusão Social. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=ECwS6eZ-ZisC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 04 de dezembro de 2024.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 49ª. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007

BAGNO, M. **Preconceito linguístico - o que é, como se faz**. 40ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006. Disponível em: <<https://docente.ifrn.edu.br/paulomartins/linguistica/a-lingua-de-eulalia-novela-sociolinguistica-de-marcos-bagno/view>>. Acesso em: 04 de dezembro de 2024.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 52. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.

BAGNO, Marcos; RANGEL, Egon de Oliveira. **Tarefas da educação linguística no Brasil**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 63-81, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982005000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 dez. 2024.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna**: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola, 2002.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da educação e do desporto. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua portuguesa: Ensino de primeira à quarta série. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da educação e do desporto. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998a.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Norma culta e variedades linguísticas**. In: Pedagogia Cidadã: cadernos de formação. Língua portuguesa Vol. 1. São Paulo: UNESP, Próreitoria de Graduação, 2004.

CASTILHO, Ataliba T. de; ELIAS, Vanda Maria. **Pequena Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. 471 p.

CARVALHO, S. C. de. **Palestra sobre Atitudes Linguísticas do professor em sala de aula**. In: Especial semana nacional de ciência e tecnologia, Engenho Massangana/Fundaj, Recife 21/10/2011. Disponível em: www.engenhomassangana.wordpress.com . Acesso em: 06 de dezembro de 2024.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA – CNJ, **Bullying**. Brasília-DF. Disponível em: < <http://www.ctur.ufrj.br/Documentos/CartilhaBullying.pdf>.> Acesso em 06 de dezembro de 2024.

GARZA, Cecilia De La. **Xenofobia**. OpenEdition. volume 7 N°2. 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/laboreal/7924>. Acesso em: 07 de dez 2024.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2009.

ILARI, R. e BASSO R. **O Português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. 1º ed. São Paulo: Contexto, 2006.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **Xenofobia**: medo e rejeição ao estrangeiro. São Paulo: Cortez, 2016.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2007.

LABOV, W. **Modelos sociolinguísticos**. Madrid: Ediciones Cátedra S.A., 1983.

LIMA, G. A; PREIRA, A.H.M; SILVA, M.L.G da; SILVA, C.R.F da; NEVES, A.J.R; **Interfaces da linguagem**: Escola e cultura. Brazilian Journal. of Development, Curitiba, v. 6, n.12, p.102016-102024, dez. 2020.

MANE, D.; MANE, D.. **Por uma pedagogia funcional da leitura como política linguística no Senegal**, In: VI Congresso Latino-Americano de Compreensão Leitora, FORMOSA, 2008.

MOURA, Jeani Delgado Paschoal. ALVES, José. **Pressupostos teórico-metodológicos sobre o ensino de geografia**: elementos para a prática educativa. Geografia, Londrina, v.11, n. 2, p. 309-319, 2002.

OLIVEIRA, Gilvan. **Brasileiro fala português**: monolinguismo e preconceito linguístico. IN: SILVA, Fábio e MOURA, Heronides (org). O direito à fala: a questão do preconceito linguístico. Florianópolis: Insular, 2000 (p. 83-92).

POSSENTI, Sírio. **Porque (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Coleção Leituras no Brasil, 1996.

SOUSA, Raquel; SANTOS, Patricia; FERREIRA, Joana. **O Nordeste além da Seca: Uma Perspectiva Escolar**. VII Encontro de Iniciação à Docência da UEPB, 2019.

VYGOTSKY, L., S. (2000). **A construção do pensamento e da linguagem** São Paulo: Martins Fontes.

YIN. R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.